

TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: REALIDADE NA SOCIEDADE E NO MERCADO DE TRABALHO NA CIDADE DE CASCAVEL

TRANSVESTITES AND TRANSSEXUALS: REALITY IN SOCIETY AND IN LABOUR MARKET IN CASCAVEL CITY

Bárbara Anzolin¹
Sandra Mara Soares²
Ana Maria Moreno³

ANZOLIN, B.; SOARES, S. M.; MORENO, A. M. Travestis e transexuais: realidade na sociedade e no mercado de trabalho na cidade de Cascavel. **Akrópolis** Umuarama, v. 21, n. 1, p. 3-10, jan./jun. 2013.

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivos conhecer e reconhecer as características, a realidade, sentimentos, necessidades, dificuldades, preconceitos, desafios e significações de pessoas com identidade de gênero diferentes da heteronormativa, com relação à sociedade e ao mercado de trabalho na cidade de Cascavel-PR. A pesquisa foi desenvolvida com base em revisão bibliográfica e pesquisa de campo, por meio de três entrevistas semiestruturadas com uma travesti feminina e dois transexuais, uma feminina e um masculino, que residiam em Cascavel-PR. Com o resultado da pesquisa verificou-se algumas dificuldades e oportunidades no mercado de trabalho, como foram os processos de identificação, a influência da mídia para o olhar sobre essas pessoas e a singularidade das famílias para a aceitação com relação à identidade de gênero. Os três participantes apresentaram vivências/contextos distintos, que podem contribuir para a desconstrução de paradigmas e estigmas sociais que cingem o público investigado, bem como, possibilitaram visualizar diferenças significativas no que tange as considerações de outras pesquisas realizadas sobre a mesma temática e as dificuldades com relação ao exercício de cidadania e de direitos. As pesquisas acessadas, em sua maioria, trazem vivências de privação de direitos, discriminação e exclusão de forma mais marcante, poucas ou nenhuma experiência de sucesso no mercado de trabalho e respeito na sociedade, dentre os contextos nos quais estão inseridos travestis e transexuais entrevistados. Diferente de algumas realidades expostas no presente trabalho, em que dois participantes relataram êxito no mercado de trabalho e boa convivência social.

PALAVRAS-CHAVE: Transexual; Travesti; Mercado de trabalho.

ABSTRACT: This research aimed to know and recognize the characteristics, the reality, the feelings, the needs, the difficulties, the prejudices, the challenges and the meanings of people with different gender identity of heteronormative, with regard to society and to the labor market in the city of Cascavel-PR. The research was developed based on literature review and research field through three semi-structured interviews with a female transvestite and two transsexual, a female and a male, who lived in Cascavel-PR. With the research result, it was possible to attest some difficulties and opportunities in the labor market, as the identification processes, the influence of media to look at these people and the uniqueness of families to the acceptance in relation to the gender identity. The three participants presented experiences/different contexts, which can contribute to the deconstruction of paradigms and social stigmas that gird the public investigated, as well, they enabled display significant differences in terms of the considerations of other

¹Acadêmica do curso de Psicologia.

²Acadêmica do curso de Psicologia.

³Docente do curso de Psicologia da UNIPAR.

studies engaged on the same subject and the difficulties with relation to the exercise of citizenship and of rights. The researches accessed mostly bring experiences of deprivation of rights, evidence forms of discrimination and exclusion, little or no experience of success in the labor market and of respect in society among of the contexts in which they are inserted the transvestites and the transsexuals interviewed. Different of some realities exposed in this work, in which two participants reported success in the labor market and good social coexistence.

KEYWORDS: Transgendered; Transsexual; Labor market.

INTRODUÇÃO

Com a percepção da diversidade e problemáticas da realidade contemporânea, verifica-se o aumento do número de pessoas que apresentam sofrimento psíquico devido à identificação de gênero e sexual, bem como dificuldades de inserção e permanência no mercado de trabalho. Verifica-se também novas configurações familiares, cada vez mais diversas e que acarretam olhares diversificados, como de discriminação, exclusão, compreensão, aceitação e curiosidade.

A diversidade sexual gera reflexões e discussões em diferentes áreas do conhecimento, como Psicologia, Medicina, Filosofia, Religião, dentre outras. Então, optou-se por estudar parte da diversidade de gênero, os travestis e transexuais, também devido à relação com os preconceitos, o sofrimento psíquico e com a Psicologia.

Strey (2008), ao falar sobre gênero, diz que a Psicologia social lança seu olhar para a história, para a sociedade e para a cultura, entendendo o ser humano inseparável dessas instâncias. Alguns autores tratam sexo e gênero como sinônimos, porém Strey difere os conceitos, relata que “Ser fêmea não significa ser uma mulher. Ser macho não significa ser um homem.” (p. 182).

Transgêneros são pessoas que rompem com a heterossexualidade compulsória, com a dicotomia masculino/feminino, vivenciam a sexualidade e o gênero de outras formas. (BUTLER, 2010 apud JACEWICZ, 2011)

O presente trabalho foi realizado por acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – Campus Cascavel com a finalidade de reconhecer características e problemáticas a respeito da identidade de gênero, relacionada com o social e o mercado de traba-

lho. A pesquisa teve como objetivos conhecer a realidade e dificuldades de pessoas que desenvolveram a Identidade de gênero diferente da típica prevista na heteronormatividade (termo que refere à normativa heterossexual na sociedade nos dias atuais), sua aceitação na sociedade e no mercado de trabalho na cidade de Cascavel, bem como suas necessidades, características, sentimentos, preconceitos e significações.

Optou-se pela pesquisa de campo qualitativa, por meio de entrevistas Semiestruturadas compostas por perguntas abertas que abordaram temas como: dados pessoais, reações próprias, familiares e sociais com relação à identificação de gênero, preconceitos dentro da família e na sociedade, escolha profissional, ambiente de trabalho e entrevistas admissionais.

As entrevistas foram realizadas na região Oeste do Paraná, na cidade de Cascavel, com uma travesti e dois transexuais, um feminino e um masculino. Os participantes são moradores da Cidade de Cascavel-PR, convidados para participarem da pesquisa. Os objetivos foram esclarecidos e a participação foi voluntária. Para análise foi realizada uma articulação entre os dados coletados e a bibliografia consultada.

IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Sexo, gênero e orientação sexual são conceitos estudados por diferentes áreas das ciências humanas e sociais. O conceito de orientação sexual pode variar muito de área para área e de autor para autor. Vieira e Paiva (2009) diferem orientação sexual e identidade de gênero, a orientação sexual refere-se ao desejo/ atração sexual, que para os homossexuais ocorre em relação à pessoas do mesmo sexo, para os heterossexuais em relação ao sexo oposto, e para os bissexuais ocorre em relação a ambos os sexos. A identidade de gênero refere-se à identificação com os papéis de gênero, como masculino e feminino, em casos de identidades cruzadas chama-se transgênero.

Sexo diz respeito às características biológicas, ou seja, características anatomo-fisiológicas que, em geral, vêm determinadas em cada pessoa. Há uma divisão sexual para reprodução, que é caracterizada pela estruturação genital interna e externa desenvolvidas na puberdade. (STREY, 2008)

Considerando o sistema sexo/gênero/de-

sejo entende-se, dentro da heteronormatividade, que uma pessoa que nasce com o sexo macho deve ter gênero masculino, desejo heterossexual e prática sexual ativa, e se uma pessoa nasce com sexo fêmea deve ter o gênero feminino, desejo heterossexual e prática sexual passiva. Estar fora deste sistema significa estar “fora do mundo”, não ter direitos e reconhecimento, ou seja não ter acesso à cidadania (PERES, 2011).

Ao falar de identidade, Strey (2008), conceitua identidade como sendo a “imagem, representação e conceito de si. Em geral, referem-se a conteúdos como conjunto de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio” (p. 160) pode ser representada pelo nome, prenome ou pelo papel social, “se refere a um conjunto de representações que responde a pergunta ‘quem és’” (p. 161)

Vieira e Paiva (2009) vão ao encontro das considerações de Strey, dizendo que

A identidade de gênero é a convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher), diferentemente do papel de gênero, representado pelos padrões de comportamentos definidos pela prática cultural em que as pessoas vivem papéis estereotipadamente masculino e feminino. O ambiente familiar e as práticas culturais irão modelar o papel de gênero por meio do reforço social (VIEIRA E PAIVA, 2009, p. 59).

Cardoso também faz menção ao social ao falar do papel de gênero:

O papel de gênero passa a dar conta das construções sociais acerca do que caracteriza o masculino e o feminino em cada sociedade, enquanto a identidade de gênero passa a dar conta da organização pessoal e intrínseca de cada indivíduo nas relações sociais (CARDOSO, 2008, p.4).

O ser humano é criador de cultura, sendo assim, o sexo biológico de nascimento não determina o desenvolvimento de comportamentos, interesses, estilos de vida, tendências, responsabilidades e papéis a serem desempenhados posteriormente, bem como os sentimentos e consciência de si mesmo e do desenvolvimento da própria personalidade, do ponto de vista psicológico. Tudo isso é determinado no decorrer do desenvolvimento humano, no processo de

socialização, de aspectos culturais e do contato constante com aspectos históricos. Os seres humanos de diferenças sexuais vividas e expressadas simbolicamente são chamados de transgênero (STREY, 2008).

Para Machado (2007), dentre as identidades de gênero não-típicas, ou seja, a identificação com gênero oposto ao sexo de nascimento, existem transexuais e travestis, alguns autores estudam características de drag-queens¹, porém no presente trabalho não será aprofundado o estudo sobre esse grupo.

Segundo Vieira e Paiva (2009) nos casos de transexualidade ocorre uma profunda rejeição em relação ao sexo biológico, abominam o órgão genital e se identificam com o gênero oposto ao sexo de nascimento. O que não ocorre com travestis, que se identificam com o gênero oposto ao sexo de nascimento, porém aceitam o próprio corpo. Usualmente transexuais se consideram heterossexuais e buscam relacionar-se com pessoas heterossexuais, “não aceitando homossexuais, bissexuais ou parceiros travestis” (p. 50).

Ao falar sobre tecnologias e programações de corporalidades contemporâneas, Peres (2011) relata sobre a possibilidade do uso da tecnologia para modificar corpos baseado em premissas regulatórias de como deve ser um corpo humano feminino ou masculino. Considera, assim como Strey, a noção de gênero como “categoria sintética, flexível, variável e suscetível de ser transferida, imitada, produzida e reproduzida tecnicamente” criando práticas nem sempre inteligíveis (p. 97).

O conceito de gênero é interpretado socialmente, depende de como a sociedade vê a relação com o feminino e com o masculino, o que usualmente é visto como a transformação do macho em um homem e a fêmea em uma mulher desta forma tem-se esta imagem prevalente do que homens e mulheres devem ser. Contudo, é possível perceber que “ser homem ou ser mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades ou em diferentes épocas” (STREY, 2008, p. 183).

Acredita-se que as chamadas “práticas

¹ Drag-Queen e Drag-King são pessoas que fazem performances transformando o gênero (masculinidade/feminilidade) em um show (BERUTTI, 2003). No caso da Drag-Queen um pessoa que assume uma persona feminina, e o Drag-King uma persona masculina. Em ambos os casos a pessoa pode ser homem ou mulher, e sua orientação sexual não interfere. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-103355berutti.pdf>>

inteligíveis” são, atualmente, alvos de estigmas, discriminações, exclusões e por vezes mortes, geradas por lesbofobia, homofobia, transfobia e bifobia, devido à normativa hetossexista da sociedade atual. No presente trabalho foca-se o estudo sobre a realidade trans e entende-se transfobia como “sentimentos de repulsa, ódio e nojo com relação a travestia e transexuais” (p. 98) bem como às demais expressões de gênero. (PERES, 2011)

O termo transgênero surgiu devido à expressão “cross gender”, utilizado por pesquisadores do sudeste asiático ao estudar a transexualidade. Dentro deste contexto se encontram transexuais, travestis (indivíduos que se vestem com roupas do sexo oposto), crossdresser (não assumem publicamente a identidade do sexo oposto), drags (homens que se vestem de mulher) e transformistas (assumem figuras femininas e masculinas sem exagero) (GOLÇALVES, 2006).

As tentativas de definir a transexualidade e elucidar sua gênese refletem a complexidade da questão transexual, demonstrando que entre os pesquisadores não há unanimidade quanto a sua origem, da mesma forma as propostas terapêuticas são extremamente controversas e por vezes, divergentes. Em se tratando de transexualidade toda prudência é recomendada, qualquer forma de ajudar estes sujeitos, deverá levar em conta a particularidade de trajeto sexual de cada um (CECCARELLI, 2003). Lea T (2011), uma modelo transexual, em uma entrevista, fala sobre suas expectativas e sentimentos com relação ao seu corpo: *“É uma questão estética, se você não se sente bem com seu pênis, aí terá uma coisa mais coerente com seu corpo e sua mente.”*

Eu acho desafiador, deveria existir o homem, a mulher e o transexual, mas a lei nos ignora, então eles te põem como mulher, mas não é uma mulher, apesar de ter uma cabeça de mulher, mas não é (LEA T, 2011).

O sentimento de ser do outro sexo, que os/as transexuais afirmam possuir é uma antiga forma de expressão da sexualidade. Na mitologia greco-romana ao século XIX, encontramos relatos de personagem que se vestiam regularmente, ou até definitivamente, como membros do outro sexo. Isto mostra a extensão do fenômeno indicado, aquilo que hoje é conhecido sob

o termo de transgênero (CECCARELLI, 2003).

Gonçalves (2006) esclarece que normalmente uma cirurgia de readequação sexual custa muito e muitas das vezes não é coberta por planos de saúde públicos ou privados, tendo também riscos médicos a esta intervenção cirúrgica, o que faz com que nem todos os transexuais se submetam a este tipo de procedimento. Entende-se também que além dos riscos médicos, há exposição a riscos relacionados à questão psicológica.

Como “confirma” Lea T:

Quando você nasce e se vê em um corpo de homem, precisa de ajuda para se transformar, para não ficar como aquela coisa ridícula, quer dizer, não ridícula, mas aquela coisa que você não gosta. Não existe uma facilitação para fazer a cirurgia, então deveria haver apoio para isso.

Assim como Vieira e Paiva (2009), Segatto (2002) percebe, ao investigar e escrever uma matéria sobre transexuais, que enquanto gays, lésbicas e travestis aceitam os órgãos genitais que têm, transexuais negam e repudiam o que a natureza lhes proporcionou. Vivem um estranhamento e desconforto em relação ao próprio corpo, o que pode vir a desencadear tentativas de automutilação e suicídio.

Ainda que não se considere como doença e/ou transtorno, consideram-se as citações do DSM – IV sobre o sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcional ocupacional ou social, ou em outras áreas da vida do indivíduo, bem como, os estudos sobre o aparecimento dos sintomas de identificação, sintomas estes que podem iniciar na infância e adolescência.

Vieira e Paiva (2009) também relatam que “a convicção irrevogável de pertencer ao gênero oposto aparece já na infância” (p. 46) em alguns casos, em outros aparece na puberdade.

O sofrimento psíquico do transexual se encontra em uma total inadequação entre, de um lado a anatomia do sujeito e seu “sexo psicológico”, e de outro lado esse mesmo “sexo psicológico” e sua identidade civil. Essas pessoas manifestam uma exigência compulsiva imperativa e inflexível de “adequação do sexo”. Tal sentimento pode levar o sujeito ao suicídio, os transexuais são os primeiros a identificar o problema que os atinge e exigir tratamento necessário (CECCARELLI, 2003).

Transexual significa uma transição sexual, então você começa uma transexualização. Você nasce com uma síndrome de identidade de gênero, até uns seis anos de idade se vê apenas como uma criança, mas quando começa a se identificar com alguma coisa, quando começa a entender, é que começa a se ver nem como homem nem como mulher, mas você ainda não é uma transexual, você vira transexual quando começa a fazer terapia e a ser seguida por médicos para mudar de sexo (LEA T, 2011).

TRANSGENEROS: CIDADANIA E TRABALHO

A Constituição Federal determina e deve garantir o bem-estar do cidadão, bem como o livre desenvolvimento de sua personalidade. Todos os seres humanos têm direito à vida, à integridade psicofísica e o direito à saúde, trinômio que contribui para o desenvolvimento da personalidade, traduzindo-se no exercício da cidadania (SZANIAWSKI, 1999, p. 194 apud GOLÇALVES, 2006). Porém, não é exatamente o que ocorre com os transexuais e travestis. Para esses o exercício pleno da cidadania muitas vezes é inviabilizado, não conseguem empregos com carteira assinada, é necessário que recorram à justiça para a mudança de seus registros, e mesmo após a operação, de transexuais, eles não podem contrair matrimônio legalmente reconhecido (GONÇALVES, 2006).

Ao que tange aos direitos dos transexuais e demais cidadãos, Vieira e Paiva (2009) relatam que o direito à identidade pessoal é um dos direitos fundamentais, portanto não cabe aos demais alterar projeções de personalidades, sua maneira de ser e realizações na sociedade, cada sujeito tem o direito de ser ele mesmo. Ainda referindo-se à identidade, é direito de todos a substituição do nome por “apelidos públicos notórios”, conseqüentemente o transexual pode usar o nome diverso do registrado, e o seu direito de ser diferente deve ser reconhecido.

A cada atitude preconceituosa contra-põem-se conquistas e ampliações significativas quanto ao alcance dos direitos humanos à vida e a dignidade, baseada nos direitos e garantias fundamentais, a consideração mútua de cada ser humano como igual é o objetivo dos movimentos mundiais em prol do estabelecimento de uma consciência sócio-jurídica concreta e inclusiva (CUNHA, 2007).

“A partir do momento em que assumem

publicamente sua identidade de gênero feminina, passam a enfrentar o preconceito e a exclusão em esferas sociais cada vez mais amplas.” (JACEWICZ, 2011, p. 6).

O travesti constrói sua identidade, baseada no gênero de identificação, porém a identidade que a sociedade, usualmente vê é vítima de risadas, piadas e tende a assumir um tom irônico. Mantém uma constante luta no intuito de manter a fidelidade a si mesmo (SILVA, 2009). O autor defende a necessidade de um processo de mudança histórico para uma incorporação social do travesti, considerando desviantes aqueles que não os aceitam, os que vêem a realidade trans como incompreensível e portanto inconcebível.

“É alarmante o número de transexuais que sofrem de depressão e problemas semelhantes” relata Oliveira (2011)² *“certamente não teria escolhido ser transexual e sofrer tudo o que sofri e passar por tantas situações que passei e fiz minha família, (que não escolheu ter uma transexual em seu seio) passar.”* (sic)

A dignidade humana é um dos fundamentos dos Estados Democráticos de Direitos Contemporâneos Modernos, compreendendo e respeitando as diferenças, e aprendendo com elas um novo significado dimensional da sexualidade humana, abrangendo as diferenças e incluindo na sociedade, o que antes foi exposto como patológico e vergonhoso. Ambos os sexos são oprimidos, os meninos são treinados a insensibilidade e distanciamento emocional, e as meninas treinadas a serem dóceis e robotizadas pela ótica patriarcal (CUNHA, 2007).

Na entrevista, Lea T relata:

Eu to numa situação, que pra sociedade eu sou lixo (...) nós somos (...) não existe terceiro sexo legalmente. Então você não pode ser considerada uma transexual, você tem que ter uma operação, ou você é homem ou você é mulher. Agora eu, nos meus documentos eu sou homem, (...) e eu não tenho nenhum papel, nenhuma coisa legal que me dê o direito de ser chamada de mulher (...) eles chamam de ‘O transexual’, (...) porque não existe este terceiro sexo (LEA T, 2011).

Kristen³ (2008 apud CID, 2008), em seu

² Relato de uma transexual feminina em diário online – blog. Lea T, o Conto sem Fadas In: O diário de uma transexual. Disponível em: <<http://diariodeumatransexual.blogspot.com/2011/02/lea-t-o-conto-sem-fadas.html>> acesso em: 24 fev 2011

³ Kristen é uma pesquisadora de Chicago, sua pesquisa está

estudo, alega que geralmente as meninas desejam demasiadamente os privilégios de pertencer ao sexo masculino acabam por mudar sua aparência física no final da adolescência ou próximas aos 20 anos. Já os homens têm o receio de perder o emprego, a independência financeira ou até mesmo de magoar a família ao assumir sua postura feminina, em muitos casos chegam a casar e ter filhos, por imposição da sociedade.

Vieira e Paiva (2009) também relatam que ocorre, em um grande número de casos, a revelação da real identidade de gênero na idade adulta, devido à pressões familiares e sociais, as pessoas mantêm comportamentos compatíveis com seu sexo biológico, tendo experiências de casamento e paternidade e, posteriormente, explicitam sua real identidade de gênero. A transexualidade inicia-se com um travestismo permanente e a convicção íntima de pertencer ao sexo oposto, e por fim caminha-se para a cirurgia de redesignação sexual.

Com relação a atividades laborais para travestis e transexuais, pouco material bibliográfico acadêmico/científico é encontrado, apenas algumas reportagens e relatos de alguns sobre suas experiências.

Para Antunes (2000), o exercício do trabalho seria sinônimo de atividade, baseada em tempo disponível. Esta atividade pode proporcionar uma vida autêntica e dotada de sentido, é socialmente necessária, pois o sistema social⁴ preconiza o atendimento das necessidades humanas e sociais.

O autor supracitado considera o trabalho como espaço que possibilita transformações políticas e sociais, na inserção das relações sociais. A atividade laboral pode proporcionar a construção de uma “subjetividade dotada de sentido dentro e fora do trabalho” (p. 181). Esta subjetividade é composta também pelas relações de trabalho, que são estendidas ao seu cotidiano, e o sentido conferido ao trabalho é singular.

Strey (2008) considera que o modo de produção e demais atividades humanas foram classificadas a partir das construções sociais de gênero, houve uma divisão sexual do trabalho e definições sociais para cada gênero. Em certas culturas há variantes culturais em que, entre adultos, podem-se criar outros papéis de gênero-

ro, pessoas podem trocar o gênero. O autor relata que focar apenas nas diferenças sexuais é excluir a criatividade cultural.

“Estudos transculturais nos mostram então dois aspectos universais sobre o gênero: gênero não é idêntico a sexo e gênero fornece a base para divisão sexual do trabalho em todas as sociedades” (STREY, 2008, p. 187).

A socióloga americana Kristen Schilt (2008)⁵ concluiu que homens que se submetem à cirurgia de mudança de sexo perdem salário e poder na carreira. Já as mulheres que assumem sua identidade masculina experimentam uma ascensão profissional (CID, 2008).

Uma travesti feminina relata que a falta de informações gera medo e apreensão na seleção de emprego. Acredita que o empregador quer contratar funcionários que além de capacitados não tragam problemas futuros, especialmente com a justiça. Temem acusações de falsidade ideológica pelo uso do crachá e nome social do transexual ou travesti. Relata que algumas pessoas precisam esconder a realidade, enquanto transexuais para conseguirem levar uma vida dentro da normalidade. Sentem dificuldade de exercer sua cidadania dignamente, vivendo assim uma invisibilidade perante a sociedade. Vê transgêneros com os mesmos deveres e obrigações sociais que os demais constituintes das sociedades, precisam pagar impostos e contas sem distinção, todavia poucos transgêneros conseguem um emprego. Mesmo tendo curso superior e competência, estes se veem obrigados a exercer funções abaixo de suas capacidades para sobreviver, ou criam o próprio mercado de prostituição (GUY, 2011).⁶

METODOLOGIA DA PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, inicialmente com pesquisa bibliográfica e, posteriormente, levantamento de dados a partir de três entrevistas semiestruturadas, individuais, com perguntas abertas que abordaram temas como: dados pessoais, reações próprias, familiares e sociais com relação à identificação de gênero, preconceitos dentro da família e na sociedade, escolha profissional, ambiente de tra-

disponível em: <<http://www.mendeley.com/research/b-e-journal-economic-analysis-policy-contributions-before-after-gender-transitions-human-capital-workplace-experiences-before-after-gender-transitions-human-capital-workplace-experiences/>>

⁴ Antunes (2000) refere-se ao Sistema Social Capitalista.

⁵ Socióloga da Universidade de Chicago.

⁶ Relato de transexual em diário online – blog. Para Exercer a Cidadania. Disponível em: <<http://ftmguybrasil.blogspot.com/>> Acesso em: 18 set 2011

balho e entrevistas admissionais.

A pesquisa foi previamente submetida ao comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Paranaense, campus Umuarama. As três entrevistas foram realizadas na região Oeste do Paraná, na cidade de Cascavel. Os participantes são moradores da cidade de Cascavel-PR, convidados para participarem da pesquisa, os objetivos foram esclarecidos e a participação foi voluntária. Para análise foi realizada uma articulação entre os dados coletados e a bibliografia consultada.

Participantes: uma travesti feminina e dois transexuais, um feminino e um masculino.

P1 tem 47 anos, sexo de nascimento masculino e identificação com o gênero feminino, como prefere ser tratada;

P2 tem 17 anos, sexo de nascimento masculino e identificação com o gênero feminino, como prefere ser tratada;

P3 tem 26 anos, sexo de nascimento feminino e identificação como gênero masculino, como prefere ser tratado.

ANÁLISE DE DADOS

Dos três participantes da pesquisa, se verificou diferenças significativas, como a idade, o contexto sócio-histórico, renda, contexto educacional de cada um e o contexto familiar.

SOBRE A IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO

P1 percebeu a identificação já na infância, todavia durante o maior tempo de sua vida assumiu o papel de gênero masculino, devido ao contexto em que estava inserida. Na juventude frequentou seminário e esteve casada por 7 anos, como homem, tendo conhecimento sobre a possibilidade da transexualidade apenas aos 37 anos de idade, aproximadamente. E foi quando tomou a decisão de se cuidar, cuidar da *“mulher que tinha dentro de mim”* (sic) como ela relatou, e aos poucos assumiu a identidade de gênero feminina. Aos 39 anos optou por iniciar o processo de hormônio-terapia, psicoterapia e cirurgia. Hoje se caracteriza como mulher.

P2 ainda é tratada como “ele” por algumas pessoas, e não se incomoda, mas é tratada como “ela” nesta pesquisa. Percebeu a identificação com o gênero feminino na infância, porém acreditava que era *“gay normal”* (sic), como relatou, não tinha conhecimento sobre transexu-

ais e travestis. Morava em uma cidade menor, vizinha à Cascavel. Quando se mudou, aos 14 anos, descobriu a possibilidade e identificou-se: *“Eu quero ser uma menina, quero ter um corpo de uma menina”* (sic) e, aos 16 anos, aproximadamente, assumiu o papel de gênero feminino, caracterizando-se como tal.

P3 percebeu a identificação com o gênero oposto também na infância, contudo, assim como P2, por falta de conhecimento sobre a realidade transgênero, acreditava ser homossexual, desde os 11 anos. Morava também em uma cidade menor, vizinha a Cascavel. Ouvia o termo transexual pela primeira vez aos 12 anos, mas não entendeu corretamente e acreditou que não se encaixava no caso de transexualidade. Porém, relatou que já apresentava características e vestimentas masculinas desde as primeiras lembranças da infância. Foi ter acesso à informações sobre a possibilidade do processo para redesignação sexual aos 22 anos e optou por iniciar o procedimento aos 24 anos.

Verificou-se que os três participantes perceberam sua identificação com sexo oposto ainda na infância, o que vai ao encontro das informações trazidas pelo DSM-IV, em que o aparecimento dos sintomas de identificação pode iniciar na infância e adolescência.

Como anteriormente citado, Kristen (2008 apud CID, 2008), em seu estudo, alega que geralmente as meninas desejam demasiadamente os privilégios de pertencer ao sexo masculino e acabam por mudar sua aparência física no final da adolescência ou próximas aos 20 anos. Já os homens têm o receio de perder o emprego, a independência financeira ou até mesmo de magoar a família ao assumir sua postura feminina, em muitos casos chegam a casar e ter filhos, por imposição da sociedade.

O desejo de pertencer ao sexo masculino pôde ser percebido nos relatos de P3, que já apresentava comportamentos e traços masculinos desde criança. Bem como a história de vida de P1, que chegou a casar e até mesmo ter um filho fora do casamento, sem revelar sua identificação com o sexo feminino por anos, por medo da reação da família, do entorno social que apresentava valores e tradições fortes, até o momento que teve contato com a possibilidade de mudança de sexo, contato com a realidade transgênero, percebendo que não era a única, *“foi quando eu vi que eu não era louca, que o meu sonho era possível.”* (sic). Ela omitiu seus

desejos dentro do seminário, relatou que *“Enquanto todos rezavam, eu só pensava em ser mulher.”* (sic).

“É alarmante o número de transexuais que sofrem de depressão e problemas semelhantes” relata Oliveira (2011) *“certamente não teria escolhido ser transexual e sofrer tudo o que sofri e passar por tantas situações que passei e fiz minha família, (que não escolheu ter uma transexual em seu seio) passar.”* (sic). A não escolha é perceptível nos relatos dos 3 participantes, mais declaradamente nas falas de P3, que conta da tentativa de “se consertar” na adolescência. Porém, relatos sobre depressão não fazem parte da realidade deles.

ATIVIDADE PRODUTIVA

P1 relatou que quando resolveu iniciar processo/tratamento de hormônio-terapia, psicoterapia e cirurgia, já era funcionária pública há mais de 7 anos. Completando 15 anos e meio como funcionária pública nos dias atuais, relatou duas fases: 8 anos como homem e 7 anos e meio como mulher na empresa. *Quando homem, era bom servidor, bom colega de trabalho, e “colega de cerveja”* *“(...) quando descobri que era possível ser mulher, aí passaram a já me discriminar, com piadinhas e essas coisas (...) teve um chefe meu que já começou com assédio moral, querendo a minha demissão, forjando uma justa causa, essas coisas”* (sic). Dentro da empresa ainda existe discriminação e exclusão por parte dos colegas.

P1 notificou a empresa pelo não uso do nome social no crachá, que ela tinha por direito como versa uma portaria do Ministério da Fazenda sobre o uso do nome social de transexuais e travestis. *“Até hoje a empresa não cumpriu, só me providenciou crachá”* (sic) com o sobrenome. Ela fez denúncias na procuradoria do trabalho, pela discriminação na empresa, fez denúncias ao INSS⁷, pois agravou problemas físicos advindos do estresse, preconceito, rejeição e exclusão dentro do ambiente de trabalho. O INSS entrou em contato com a empresa, supervisores de outra cidade entraram em contato com ela para tentar solucionar, mas a empresa de Cascavel não cumpriu ainda a adição do nome social no registro, concederam apenas o crachá com o nome feminino, após ela recorrer a um advoga-

do. Bem como, o uso do sanitário, demorou um tempo para aceitação.

P2 trabalhou num ateliê de moda. Na entrevista admissional a dona do ateliê teve dúvidas se ela era homem ou mulher, mas imaginou que era mulher, identificou apenas quando viu sua documentação no currículo. *“O mundo da moda aceita bem, trabalha-se com o diferente.”* (...) *“Todos os clientes que eu atendi, nenhum teve ato de preconceito.”* (sic). Ela tinha colegas de trabalho, nunca sofreu preconceito, nem discriminação ou exclusão, era valorizada, tinha contato direto com os clientes e atendia os principais clientes. Desfilava como modelo masculino, hoje se inscreveu como modelo feminino, está esperando completar 18 anos para ingressar em uma agência de São Paulo. Vê a moda como uma área do mercado de trabalho que está aceitando bastante os transexuais e que incentiva a aceitação.

P3 trabalha com 20 pessoas em um escritório. Tem assinatura eletrônica e assina com o nome masculino. Relatou que não tem ideia de quem sabe que ele é transexual. É tratado por todos pelo nome masculino, como é conhecido, e se a família liga no trabalho dele, pergunta por seu nome masculino. O nome feminino está apenas no contrato de trabalho, e a entrevista admissional foi tranquila.

P3 relatou que em entrevistas de emprego, os entrevistadores ao recebê-lo, apresentaram reação de espanto e negação, alguns não sabiam como tratá-lo: alguns fazem perguntas sobre o erro no documento de identidade, no registro do nome em cartório, *“parece que tentam acreditar em qualquer outra possibilidade, menos naquela que está na frente deles.”* (sic) relata que parece que algumas pessoas não querem entender, mas que atualmente estão agindo com mais naturalidade. *“metade da entrevista de emprego ele me chama de ele, metade me chama de ela (risos), eles não sabem como me tratar, apenas uma pessoa perguntou no início da entrevista como eu preferia ser tratado.”* (sic). Ele trabalhou por algum tempo como voluntário, em que não era necessária documentação. Então, contava para quem ele queria, já que não era identificado como transexual por todos: *“para algumas pessoas eu tinha que desenhar (...) tem uns que são desligados mesmo, não adianta falar, e têm outros que não querem entender, são os mais engraçados (risos)”* (sic). P2 e P3 relataram ansiedade antes das entrevistas de

⁷ INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social – Ministério de Seguridade Social – Governo Federal.

admissão.

CIDADANIA

Na fase que P1 começou a se cuidar iniciaram os problemas, comentários e piadinhas. Uma pessoa levava informações para o trabalho e surgiam as piadinhas. *“Quando comecei a esboçar meus traços de mudança, o meu rosto depilado, meu cabelo começou a crescer, eu usava uma batonzinho discreto, unha pintada, aí houve também uma política de fora, (...) ‘fulano não serve para ser funcionário público, porque fulano é bicha’” (sic)*. Relata que houve reclamação de um cliente, por escrito, e o gerente não quis nem ouvi-la. Outra cliente quis reclamar do serviço e se referiu a ela como “o fulano que parece que é veado”. Ela não tinha oportunidade de se defender perante as reclamações, *“O que os outros falavam era válido, mas o que eu falava não era. A mesma coisa que acontecia, também, dentro do meu casamento (...) Os outros tinham razão, eu não tinha razão” (sic)*. Antes o ambiente era harmonioso em casa e no trabalho, quando começou a se cuidar femininamente, tornaram-se *“ambientes pesados” (sic)*.

Na entrevista de Lea T à revista *Época* (2001), ela afirma: “Eu to numa situação, que pra sociedade eu sou lixo (...) nós somos (...) não existe terceiro sexo legalmente.” Ela utiliza termos que podem ser percebidos também na fala de P1 quando relatou as fases que enfrentou no emprego: *“Tem duas fases, (...) uma de bom servidor, e outra fase, menor, como se diz por aí, o lixo da sociedade” (sic)*. O termo “lixo da sociedade”, presente no discurso das duas transexuais, pode caracterizar a discriminação e exclusão que são impostos à maioria dos transexuais na sociedade.

Reação e aceitação nas famílias e convívio social.

Verificou-se diferenças significativas em relação à aceitação das famílias e da sociedade. P1 relatou reações negativas. Não teve ninguém ao lado, ninguém a ouvia, nem a esposa, nem amigos, era vista e discriminada como o “veado” pelas pessoas que se intitulavam amigas, anteriormente, na época do seminário, do casamento e do trabalho. Ela foi excluída dos meios sociais nos quais estava inserida. Não conhece o filho porque a mãe da criança nunca permitiu, por medo que ele virasse gay. A mãe e o irmão a tratam como mulher, o pai e a irmã se volta-

ram contra ela, tem pouco contato por morarem longe.

Relatou discriminação na rua, com pessoas desconhecidas: *“Algumas pessoas que passam por mim de carro ou moto, já gritaram ‘O bicha louca, sai da frente’, já me fecharam no trânsito” (sic)*. Relatou também experiências positivas após o início do processo de terapia hormonal e acompanhamentos psicoterápicos em São Paulo para a cirurgia, relatou que lá se sente “gente”, conheceu pessoas “humanas”, *“um mundo totalmente novo” (sic)*, lá a tratam bem, é a “Senhora”.

P2 teve menos reações negativas e até mesmo acolhimento por parte da mãe e da madrastra. A família materna não aceita, moram em outra cidade e tem pouco contato. O pai a aceita como “gay”. Atualmente consegue conversar com a mãe sobre sua situação, mas até o ano anterior só conseguia conversar com a madrastra. Para o irmão foi mais complicado, levou para o lado da teologia. Com os amigos ela relatou que foi “normal”. *“Como eu sempre soube que era gay, eu nunca fiz amizade com heterossexuais, na verdade meninas sim, meninos não, para os amigos homossexuais é indiferente, até admiram pela coragem.” (sic)*.

Com pessoas desconhecidas, P2 relata que *“Às vezes é difícil, quando as pessoas zombam de você.” (sic)*. Ela tenta manter-se neutra com relação a isso, e que a reação das pessoas é mais de curiosidade, difícil ela ser tratada mal, mas quando o é, trata mal também. *“Uma coisa que ainda é desagradável, é que eu por enquanto ainda tenho que usar o banheiro masculino” (sic)*. Isso acontece na universidade onde estuda, no shopping, por exemplo, ela usa o feminino. Acredita que não sofre preconceitos por causa da própria aparência, que os transexuais que têm traços bem masculinos ainda sofrem mais preconceitos, as pessoas ficam “zombando, julgando” *“este tipo de preconceito eu nunca sofri” (sic)*, relatou que as pessoas ao conhecerem ela só reconhecem que não é uma mulher quando ela fala, por causa da voz. A mãe dela a preserva bastante, leva e busca em todos os lugares, para prevenir discriminações nas ruas, evitar agressões. Na pré-adolescência sofreu ameaças, mas registrou ocorrência policial e nunca mais aconteceu. Quando sofria preconceito na escola, relatava a diretoria. A mãe dela chamou a polícia e nunca mais aconteceu.

P3 relatou que “desde que se conhece

por gente”, se identifica com o gênero masculino, os familiares falam que ele já era um menino desde bebê. Ninguém ficou surpreso quando ele resolveu expor, declaradamente, sua vontade de ser homem. Com a mãe sempre foi bem aceito. Na adolescência a família pensou que podia ser fase, apoiaram a procura de psicólogos, procuraram causas, e o pai, com bastante conhecimento científico, buscava explicações na ciência. P3 foi tratado por nome masculino já pelos profissionais de psicologia, na infância. Por parte da irmã houve aceitação, se para ele está tudo certo, para a irmã também, relatou. Já para o irmão foi um pouco mais difícil, nunca teve um bom relacionamento com o irmão, ele era o único filho e neto homem. Os avôs sempre aceitaram bem e chamavam uma de suas ex-namoradas de neta.

Nunca sofreu preconceito por parte dos professores da universidade onde estuda. Todos os professores se referem a ele pelo nome masculino ou pelo sobrenome, e alguns colegas não sabem que ele é transexual, o tratam como homem, ele contou apenas para os colegas “mais chegados”, e muitos apresentaram surpresa quando ele contou, “*custaram a acreditar*”(sic). Depois de algum tempo ele descobriu que algumas pessoas da sala de aula dele sabiam, e quando uma professora revelou seu nome feminino em aula, na ausência dele, algumas pessoas queriam reclamar da professora por ter exposto ele desta forma, ninguém mudou o relacionamento com ele. Recebeu apoio da família para o processo e tratamento para redesignação sexual, iniciado aos 24 anos. Relata que ele nunca pediu para usarem o nome masculino, ou proibiu que o chamassem pelo nome feminino, porém as pessoas não conseguem chamá-lo assim, se sentem mais a vontade chamando-o pelo nome masculino.

Não sofreu preconceito declarado, percebível, apenas indireto, de colegas bastante religiosos na universidade. Passou por situações difíceis com relação às famílias das namoradas, como preconceito e não aceitação. Pessoas que ele percebe que não concordam, são pessoas que acreditam que é uma escolha da parte dele, o que ele diz que não é, se pudesse escolher, ele não seria assim. “*a única coisa que eu escolhi foi me aceitar*.” (sic). Na sociedade, ao apresentar o documento em bares, boates e etc, as pessoas apresentam reação de espanto, surpresa, ele comentou que percebe, mas nunca foi mal trata-

do. Acredita que teve sorte por ter se identificado com o gênero oposto desde pequeno. Acredita que aquelas pessoas que aceitam e assumem uma identidade do gênero oposto mais tarde, tem mais dificuldade.

Jacewicz (2011, p. 6) relata, em sua pesquisa, que. “A partir do momento em que assumem publicamente sua identidade de gênero feminina, passam a enfrentar o preconceito e a exclusão em esferas sociais cada vez mais amplas”. Verifica-se nos relatos de P1 preconceitos declarados e indiretos, porém, nos relatos de P2 e P3 não se percebem tantas experiências de preconceitos.

PROCESSO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL

Gonçalves (2006) esclarece que normalmente uma cirurgia de readequação sexual custa muito e, muitas das vezes, não é coberta por planos de saúde públicos ou privados, tendo também riscos médicos a esta intervenção cirúrgica, o que faz com que nem todos os transexuais se submetam a este tipo de procedimento. Entende-se também que além dos riscos médicos, há exposição a riscos relacionados à questão psicológica.

Sabe-se que hoje a cirurgia de readequação sexual é coberta pelo plano de saúde público, SUS⁸, e é a via pela qual se consegue a nova documentação. Entretanto, segundo relatos de P1 o processo pode levar anos até a cirurgia, a participante iniciou o processo de terapia hormonal há aproximadamente 7 anos atrás, a legislação sobre a cirurgia pelo SUS surgiu a partir de debates de 2002 à 2008. No ano de 2011 P1 iniciou o acompanhamento psicológico obrigatório, devido aos riscos relacionados à questão psicológica, motivo pelo qual ela tem ido a São Paulo semanalmente. P3, que também iniciou terapia hormonal, relatou que achou o processo rápido, em três meses estava com a médica para iniciar a terapia hormonal, porém ainda está se informando sobre todos os procedimentos cirúrgicos para tomar suas decisões, e comentou que a cirurgia de redesignação sexual de mulher para homem é mais difícil de conseguir, ele hipotetiza que seja por ser mais complicada.

⁸ Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/Trans.pdf>>
Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csc/v14n4/a15v14n4.pdf>>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade e até mesmo realidades acadêmicas ainda têm visto o travesti e o transexual como anormal ou como doença. Têm visto também o tema muito relacionado e não dissociado da homossexualidade. Fala-se demasiadamente em homofobia, mas a maioria das pessoas nos dias de hoje nunca ouviu falar em transfobia. O que ocorre hoje é a cristalização de identidades, uma estimulação da desigualdade social e entre gêneros. E estar fora da *heteronormatividade* significa estar fora do inteligível.

Há uma grande luta por parte de associações de travestis e transexuais em todo o Brasil contra a transfobia, luta para proporcionar a educação e a inserção social e laboral destas pessoas. Luta-se pelo exercício da cidadania, dos direitos constitucionais de forma igualitária. Estas lutas geraram algumas conquistas, como o respeito e olhar diferenciado por parte de algumas pessoas da sociedade, direito ao uso do nome social, e mudança da documentação após a cirurgia. Todavia, ainda há muito que se fazer e conquistar em termos de reconhecimento social e de direitos.

O presente trabalho propôs a investigação, conhecimento e compreensão da realidade e dificuldades de transgêneros e transexuais na cidade de Cascavel, com relação à sociedade e mercado de trabalho. Verificaram-se algumas semelhanças com outros trabalhos realizados sobre transexuais e travestis, todavia, também diferenças significativas. Em trabalhos acessados, para a presente pesquisa, percebeu-se na maioria dos casos relatados, demasiados preconceito e discriminação com relação ao público investigado, bem como, sofrimentos psíquicos significativos. O que é percebido nos relatos de P2 e P3 com menos intensidade em relação aos relatos de P1.

No que tange ao preconceito e a discriminação da sociedade, com relação aos travestis e transexuais, compreende-se que variam de acordo com aspectos corporais e faciais dos mesmos, características do sexo de nascimento, como traços considerados masculinos/femininos aparentes. Estes podem contribuir para a discriminação ou aceitação.

Variam, também, de acordo com a formação e/ou informações que as pessoas que conhecem os travestis e transexuais tem sobre estes. E as características da sociedade a qual

pertencem, como pode ser percebido nos relatos de P1, com relação à diferença de tratamento em Cascavel e em São Paulo. Bem como, P2 relata que na cidade menor, onde morava, a discriminação é maior, comentou da falta de conhecimento das pessoas sobre esta realidade.

Outro fator são as características da família e a subjetividade dos próprios transgêneros. P1, que estava inserida em uma família de tradições fortes, relatou mais dificuldades de expor sua identificação, falar sobre isso, disse que não podia falar para ninguém, e mesmo quando falou, não teve aceitação. P2 também relatou que não tinha com quem conversar sobre sua identificação de gênero, teve oportunidade apenas quando conheceu outros transgêneros, ao mudar-se para Cascavel. Outra oportunidade ocorreu quando sua madrasta a questionou, a aceitou e deu abertura para que falasse. Diferente de P3, que teve a iniciativa da família para falar sobre, relatou que os avôs desde a adolescência dele perguntavam: “*Cadê as namoradas?*” (*sic*), e desde a infância negociava o uso de roupas masculinas com a mãe.

Com relação ao objetivo de conhecer características, sentimentos e significações subjetivas do público pesquisado, concluiu-se que, para P1 e P3 foi mais difícil lidar com a própria identificação. P1 acreditava que era loucura, por não ter conhecimento das possibilidades, quando teve acesso à informações, começou a aceitar sua condição como possível. P3 procurou profissionais para tentar “se consertar” desde o momento em que começou a sentir atração por meninas, na adolescência. Para P2 verificou-se mais facilidade, tanto enquanto se considerava um “*gay normal*” (*sic*), quanto a partir do momento que teve acesso à realidade transgênero, o que possibilitou sua identificação.

Com relação as problemáticas a respeito da sociedade e mercado de trabalho, segundo P2, há aceitação, sem preconceito e discriminação, com respeito e até admiração aos transgêneros, no “mundo da moda” e dentre o público que apresenta orientação sexual e identidade de gênero diferente da heteronormativa. A entrevistada relatou que o “mundo da moda” valoriza esta diversidade, e a mídia, junto à moda, tem incentivado o respeito e admiração, mostrando o talento destas pessoas nas passarelas e na produção (desenhos, costura, maquiagem etc). Ela relatou diferenças significativas no público de Cascavel e da cidade menor, que morava an-

teriormente, “em Cascavel tem muito mais gay, (...) tem mais homossexuais e transexuais” (sic). E, como relatado na análise de dados, P2 fez mais amizades com homossexuais do que com heterossexuais, se sente mais a vontade com este público, comentou do respeito mútuo entre eles.

Ao que diz respeito às características e preconceitos, supõe-se que a identificação precoce favorece a aceitação social. Percebe-se que ao conhecer pessoas na sociedade e adentrar no mercado de trabalho já caracterizado e com a identificação de gênero estabelecida, obtêm-se melhor aceitação, como ocorreu nos casos de P2 e P3. Hipotetiza-se que as dificuldades de P1 sejam, também, devido ao fato de ela ter construído/vivido uma imagem social masculina por anos, constituindo família e casamento, tudo em torno desta imagem masculina. As transformações dela foram acompanhadas por colegas de trabalho que apresentaram postura desfavorável às mudanças. As demais pessoas que acompanharam as transformações, em sua maioria, são da mesma faixa etária de P1 e preservam culturas tradicionalistas, como sua ex esposa, por exemplo, que até hoje apresenta dificuldades de compreender e aceitar. Para P2 e P3 a identificação, e decisão por assumir características do gênero oposto, ocorreram em menos tempo, acredita-se que houve melhor aceitação familiar por não terem vivenciado uma imagem social bem estabelecida dos participantes antes de exporem a identificação.

Os conselhos regionais e o Conselho Federal de Psicologia têm percebido a importância do diálogo sobre a diversidade sexual, e tem proposto discussões sobre o assunto, por meio de fóruns, simpósios, seminários, congressos, nacionais e internacionais, com base nos direitos humanos e apoio de instituições de ensino, associações, e outras áreas envolvidas, como judiciário, educação e etc., se dispondo ao conhecimento e trabalho interdisciplinar. Os psicólogos devem contribuir com seus conhecimentos, para reflexões sobre o preconceito, discriminações e estigmatizações contra a população LGBT. As práticas psicológicas são baseadas na não exclusão e respeito às diferenças.⁹

Os termos travesti e transexual são, por vezes, carregados de ideias errôneas e paradigmas sociais, e é a partir da desconstrução des-

tes que consegue-se romper com a visão atual sobre os sujeitos em questão. Para tal, se sugere mais pesquisas e oportunidades de voz a estas pessoas, aos seus conhecimentos vivenciais, e ao exercício de suas potencialidades, para que a sociedade tome conhecimento sobre a realidade trans, e não somente aos rótulos a ela atribuídos.

Tendo em vista este contexto, considera-se necessário o trabalho com o público trans a partir de políticas públicas e trabalho pedagógico, também com a sociedade em geral, discussões para a desconstrução dos gêneros e seus papéis sociais, promoção da compreensão e consciência ética sobre as diferenças individuais e eliminação dos estereótipos depreciativos com relação ao público GLTTB, bem como promover a inserção social e não exclusão do público pesquisado e o seu exercício da cidadania, ações estas que devem ser contempladas pela prática psicológica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 3ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2000.
- CARDOSO, F. L. **O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v42n1/v42n1a08.pdf>> acesso em: 12 mai 2011
- CECCARELLI, P. R. **Transexualismo e caminhos da pulsão**. Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, ano XXV, 50, 37-49, 2003. Disponível em : <http://ceccarelli.psc.br/paulorobertoceccarelli/?page_id=198> acesso em: 29 ago 2011
- CID, T., 2008. **Pesquisa com transexuais mostra preconceito contra mulheres no trabalho**. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI15117-15279,00-PESQUISA+COM+TRANSEXUAIS+MOSTRA+PRECONCEITO+CONTRA+MULHERES+NO+TRABALHO.html>> acesso em: 28 fev 2011
- CUNHA, S., 2007. **O Transexual em busca da cidadania**. In: Âmbito Jurídico. Disponível em <<http://www.ambito-juridico.com.br/pdfsGerados/artigos/4412.pdf>> Acesso em 19 fev 2011.

⁹ Disponível em: Psicologia e diversidade sexual: Desafio para uma sociedade de direitos.

- DSM – IV – TR. **Transtorno da identidade de gênero**. Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm_janela.php?cod=118> Acesso em: 12 novembro 2010.
- GONÇALVES, A. A. M. 2006. **Transexualidade: entre os discursos jurídico e médico**. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/pade/article/viewFile/132/121>> acesso em: 28 fev 2011
- JACEWICZ, C. C. A construção da identidade travesti: gênero, exclusão social e violência sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural In: II Simpósio Internacional de Educação Sexual – II SIES, Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares. nº 40, 2011. Maringá – PR. *Resumos*. ISSN 2236 1995
- LEA T. **Entrevista - lea t**. Fev. 2011. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/124781_NAO+E+UMA+VAGINA+QUE+DEIXA+UMA+PESSOA+FELIZ+> Acesso em: 24 fev 2011.
- MACHADO, F. V. **ASSTRAV - Associação de Travestis, Transgêneros e Transsexuais de Minas Gerais** In: muito além do arco-íris. A constituição de Identidades coletivas entre a sociedade civil e o Estado. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/npp/images/pdfs/dissert.%20frederico%20vianna%20machado.pdf>> acesso em: 12 mai 2011
- PERES, W. S. **Tecnologias e programação de sexo e gênero: apontamentos para uma Psicologia política QUEER** In: Psicologia e diversidade sexual: Desafio para uma sociedade de direitos. Conselho Federal de Psicologia – Brasília, 2011, p. 89-105
- SEGATTO, C. **Nasce uma mulher**. Revista Época, Ed 236 - 25/11/02. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EP441567-1664-3,00.html>> acesso em: 24 fev 2011
- SILVA, H. R. S. **Travesti, a Invenção do Feminino**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ISER, 1993. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1244540923T7zDC5yq2Qm84KP1.pdf>> acesso em: 11 nov

2011.

STREY, M. N. **Gênero** In: Psicologia social contemporânea. 11ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 181-198

STREY, M. N. **Identidade** In: Psicologia social contemporânea. 11ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 159-167

VIEIRA, T. R.; PAIVA, L. A. S. **Identidade Sexual e Transexualidade**. São Paulo: Roca, 2009.

TRAVESTIS Y TRANSEXUALES: REALIDAD EN LA SOCIEDAD Y EN EL MERCADO DE TRABAJO EN LA CIUDAD DE CASCAVEL

RESUMEN: Esta investigación tuvo como objetivo conocer y reconocer las características, la realidad, sentimientos, necesidades, dificultades, prejuicios, retos y significaciones de personas con diferentes identidades de géneros heteronormativo, con relación a la sociedad y al mercado laboral en la ciudad de Cascavel - PR. La investigación se desarrolló con base en revisión bibliográfica e investigación de campo, a través de tres entrevistas semiestructuradas con un travesti femenino y dos transexuales, una femenina y un masculino, que vivieron en Cascavel- PR. Con el resultado de la investigación se ha verificado algunas dificultades de oportunidades en el mercado laboral, al igual que los procesos de identificación, la influencia de los medios de comunicación para mirar a estas personas y la singularidad de las familias para aceptar la identidad de género. Los tres participantes presentaron experiencias / contextos distintos, que pueden contribuir a la deconstrucción de paradigmas y estigmas sociales que ciñen el público investigado, así, posibilitarán visualizar diferencias significativas en lo que tañe las consideraciones de otras encuestas realizadas sobre el mismo tema y las dificultades con relación al ejercicio de ciudadanía y de derechos. Las pesquisas asesadas, en su mayoría, traen experiencias de privación de derechos, discriminación y exclusión de forma más marcada, pocas o ninguna experiencia de éxito en el mercado de trabajo y respeto en la sociedad, entre los contextos en los cuales están inseridos los travestis y transexuales encuestados. Diferente de algunas realidades expuestas en esta investigación, en que dos participantes reportaron éxito en el mercado de trabajo y la buena convivencia social.

PALABRAS CLAVE: Transexual; Travesti; Mercado de trabajo.